

Transições

Centro Universitário Barão de Mauá

<https://doi.org/10.56344/2675-4398.v3n1a2022.2>



Título

Representações sociais do “perigo vermelho”: traços de uma cultura política moderna em jornais de Ribeirão Preto-SP (1935-1937)

Autores

Rafael Cardoso de Mello

Yuri Araújo Carvalho

Ano de publicação

2022

Referência

CARVALHO, Yuri Araújo; MELLO, Rafael Cardoso. Representações sociais do “perigo vermelho”: traços de uma cultura política moderna em jornais de Ribeirão Preto-SP (1935-1937). **Transições**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, 2022.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO “PERIGO VERMELHO”: TRAÇOS DE UMA CULTURA POLÍTICA MODERNA EM JORNAIS DE RIBEIRÃO PRETO-SP (1935-1937)

SOCIAL REPRESENTATIONS OF THE “RED DANGER”: TRACES OF A MODERN POLITICAL CULTURE IN NEWSPAPERS IN RIBEIRÃO PRETO / SP (1935-1937)

Rafael Cardoso de Mello*
Yuri Araujo Carvalho**

Resumo: Investigaremos um conjunto de representações sociais caracterizadas pelo “anticomunismo”, construídas e/ou disseminadas por jornais existentes na cidade de Ribeirão Preto/SP (no caso, os veículos *Diário da Manhã*, *A Tarde* e *Diário de Notícias*), entre os candentes anos de 1935 a 1937. Pesquisar o tema proposto significa descortinar as estratégias discursivas, as construções representativas e a contundência/perenidade de veiculações jornalísticas que alçavam o anticomunismo a uma posição privilegiada para o norteamento das linhas editoriais em uma conjuntura crítica (balizada pela chamada Intentona de 1935 e pelo golpe varguista de 1937), na qual os jornais apresentavam-se enquanto arautos dos mais elevados “interesses da nação” (eclipsando, todavia, os interesses das classes dominantes constituídas, bem como o conseqüente emprego dos impressos como ferramentas de inculcação ideológica). Metodologicamente, valemos da análise de representações, articulada aos conceitos de “modernidade” e “cultura política”, mobilizados dialogicamente para o desvelamento de ebulientes episódios da história ribeirão-pretana contidos nas páginas dos jornais citadinos. Os resultados de tais esforços nos permitiram reconhecer e analisar as mais variadas facetas do anticomunismo em Ribeirão Preto (em suas dimensões religiosa, ufanista, político-econômica, etc.), as quais, em situações extremas, consubstanciaram-se em esforços concretos de combate ao “terror

* Doutorando em Educação pela USP e mestre em História pela UNESP. Licenciado em História, Pedagogia e Filosofia. Coordenador do curso de História e da pós-graduação em História, Cultura e Sociedade, ambos do Centro Universitário Barão de Mauá.

** Mestre em História (UNIOESTE) e pós-graduado em História, Cultura e Sociedade pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Licenciado em História e Publicidade e Propaganda. Docente do Centro Universitário Barão de Mauá.

vermelho”, cujo exemplo mais notório deu-se com a realização da campanha “Contra o comunismo”, de 1937.

Palavras-chave: Anticomunismo. Cultura política. Representações sociais. Modernidade. Ribeirão Preto.

Abstract: We will investigate a set of social representations characterized by “anti-communism”, built and/or disseminated by existing newspapers in the city of Ribeirão Preto/SP (in this case, the vehicles *Diário da Manhã*, *A Tarde* and *Diário de Notícias*), among the burning years of 1935 to 1937. Researching the proposed theme means unveiling the discursive strategies, the representative constructions and the impact/perpetuity of journalistic transmissions that raised anti-communism to a privileged position for guiding editorial lines in a critical context (guided by the so-called Intentona of 1935 and by the Vargas coup of 1937), in which newspapers presented themselves as heralds of the highest “interests of the nation” (overshadowing, however, the interests of the constituted ruling classes, as well as the consequent use of printed material as tools of ideological inculcation) . Methodologically, we made use of the analysis of representations, articulated with the concepts of “modernity” and “political culture”, dialogically mobilized to unveil the ebullient episodes of Ribeirão Preto history contained in the pages of city newspapers. The results of such efforts allowed us to recognize and analyze the most varied facets of anti-communism in Ribeirão Preto (in its religious, boastful, political-economic dimensions, etc.), which, in extreme situations, were embodied in concrete combat efforts to the “red terror”, whose most notorious example was the campaign “Against Communism” in 1937.

Keywords: Anticommunism. Political culture. Social representations. Modernity. Ribeirão Preto.

Nossos estudos abarcam o entendimento dos contextos político, social, cultural, religioso e econômico de Ribeirão Preto/SP na primeira metade do século XX, desvelando as perspectivas de alguns jornais locais (*Diário da Manhã*, *A Tarde* e *Diário de Notícias*¹) – compreendidos

¹ O *Diário da Manhã* foi fundado por Juvenal de Sá Macedo em 1898; pouco tempo depois, em 1906, passou a ser controlado por Osório Corrêa e, em 1909, por Sosthenes Gomes; na década de 1920, foi dirigido por Juvenal Guimarães e José da Silva Lisboa; foi pioneiro na modernização de máquinas e seleção de profissionais de imprensa. O vespertino *A Tarde* surgiu em 1919, inaugurado pelo capitão José Osório Junqueira, abrigando uma equipe jornalística composta, majoritariamente, por advogados,

enquanto ferramentas de influência (mas também influenciáveis) para a população citadina – em suas coléricas contendas contra o chamado “perigo vermelho”.

Tal empreendimento intelectual é justificado, em parte, pela inquirição da problemática histórica residente na dinâmica relação entre o passado e o presente: vivemos, em nosso cotidiano, a maciça presença dos meios de comunicação e da ação midiática; somos impactados, também, pela continuidade de discursos anticomunistas, diluídos em múltiplas instâncias de convivência humana. Ao direcionarmos nosso olhar ao passado, não pretendemos buscar a gênese da articulação entre a mídia e o anticomunismo, mas sim a compreensão de um contexto no qual tal articulação pode ter se mostrado extremamente contundente. Compreender a conjugação dos elementos midiáticos e ideológicos na baliza temporal escolhida (1935-1937) ajudar-nos-á a esclarecer certas reminiscências que ainda impactam a sociedade hodierna.

Embora a temática do anticomunismo já tenha recebido fecundas contribuições acadêmicas, acreditamos que a empreitada sobre a qual nos debruçamos possa trazer aportes relevantes, atrelados às histórias “local e regional”. Tal abordagem, com o enfoque sobre o “cotidiano de pequenos mundos ou grupos sociais que como tais se identificam, procura alcançar a totalidade histórica com a identificação e problematização das interconexões locais, regionais, nacionais, continentais e universais” (NEVES, 2007, p. 31).

professores e outros quadros da classe média citadina. Já o *Diário de Notícias* foi fundado por José da Silva Lisboa e pelo comerciante Osório Camargo em 1928; no início da década de 1930, após severas crises, foi adquirido por Oswaldo da Silva Lisboa, que vendeu o jornal para Oscar de Moura Lacerda em 1934. Cf.: CARVALHO, Yuri Araujo. *“Oásis no deserto de homens em um mundo de desiludidos”*: anticomunismo e municipalismo nas trajetórias do “jornalista” Antônio Machado Sant’Anna (1940-1966). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon/PR, 2019.

De acordo com a historiadora Carla Luciana Silva, variados esforços de teor anticomunista (empreendidos antes mesmo da chamada “Intentona Comunista” de 1935²) fundamentavam-se na construção de um imaginário ilusório que se debruçava sobre a constituição de sentidos apriorísticos a respeito de um determinado “outro”, categorizado como um inimigo responsável por trazer desestabilizações ao *status quo* estabelecido. Houve, historicamente (e com maior contundência, ao longo do século XX) esforços individuais e coletivos para “configurar o comunismo como inimigo social, o que acaba em diversos momentos históricos reforçando a coesão dos mais diferentes setores das elites políticas e sociais, unidos para combater o ‘inimigo de toda a sociedade ocidental’” (SILVA, 2001, p. 13). A construção de tal inimigo caracterizou-se, inclusive, pela ausência de sujeitos específicos e/ou instituições tangíveis, posto que “a imagem dele enquanto ‘fantasma’ que poderia atacar a qualquer tempo era muitas vezes mais válida do que a de um ser concreto, como um partido” (SILVA, 2001, p. 37).

A também historiadora Carla Simone Rodeghero investigou a “recepção do anticomunismo” por meio da análise de fontes oficiais e relatos orais atribuídos ao corpo diplomático norte-americano que atuou no Brasil entre 1945 e 1964, desvelando como tais sujeitos avaliavam as campanhas anticomunistas deflagradas no país. Segundo a autora, as manifestações anticomunistas podem ser compreendidas, em linhas gerais, como posturas ou comportamentos de objeção ao comunismo, variáveis de acordo com as distintas conjunturas históricas:

² Para maiores esclarecimentos sobre o tema, conferir: CARONE, Edgard. *Revoluções do Brasil contemporâneo (1922-1938)*. São Paulo: Ática, 1989; COSTA, Homero de Oliveira. *A insurreição comunista de 1935*. Natal/RN: EDUFRN, 2015; DEL ROYO, Marcos. *A classe operária na revolução burguesa: a política de alianças do PCB (1928-1935)*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990; GOMES, Ângela de Castro (org.). *Velhos militantes*. São Paulo: Zahar, 1988; MORAES, João Quartim de. *A esquerda militar no Brasil (da coluna à comuna)*. São Paulo: Siciliano, 1994; SODRÉ, Nelson Werneck. *A Intentona Comunista de 1935*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

O anticomunismo é uma construção imaginária na medida em que se constitui numa representação globalizante da situação vivida; em que se define uma identidade distinguindo um “nós” – os não-comunistas – em relação aos “outros” – os comunistas; em que dirige a eleição de certos problemas e de soluções possíveis; em que se estrutura a partir de imagens, às quais podem ser dados diferentes significados; em que opera no campo das percepções e das emoções; em que provoca medo, mobilização ou passividade; em que se constitui numa realidade ao mesmo tempo distinta e interdependente da realidade palpável.

Ao mesmo tempo, o anticomunismo é o conjunto das atividades realizadas por grupos diversos, o qual tem relação com aquele conjunto de representações anteriormente mencionadas. Trata-se de atividades como produção de propaganda, controle e ação policial, atividades educativas, organização de grupos de ativistas e de manifestações públicas, atuação no Legislativo, etc. (RODEGHERO, 2007, p. 21-22).

Às dimensões imaginárias e práticas do anticomunismo, acresce-se o aspecto identitário, primordial para que certos indivíduos e/ou grupos erijam suas próprias identificações, buscando a demarcação de seus espaços de fala e de ação enquanto antagônicos ao “inimigo comum”. As diligências anticomunistas foram (e continuam sendo) articuladas, pois, “por grupos que querem se fazer reconhecer pelos outros, garantir a coesão interna e passar uma certa mensagem que não diz respeito apenas ao combate ao comunismo” (RODEGHERO, 2007, p. 204).

O historiador Rodrigo Patto Sá Motta perscrutou a história do anticomunismo no Brasil de 1917 a 1964, concentrando-se, mormente, nas conjunturas precedentes aos golpes do Estado Novo, em 1937, e civil-militar, em 1964, destacando os esforços anticomunistas comuns a ambos (perceptíveis nas ações incitadas por organizações de combate ao “perigo vermelho” e na difusão de representações textuais e iconográficas por aparelhos sob controle de frações anticomunistas das classes dominantes).

Motta enfatiza, contudo, que tais esforços anticomunistas devem ser avaliados como mesclas complexas compostas, simultaneamente, por instrumentalizações/manipulações e convicções, que podem ser

amalgamadas em diferentes arranjos ao longo do decurso histórico. De fato, se o “perigo vermelho” serviu, por um lado, como pretexto para “justificar golpes autoritários, reprimir movimentos populares, garantir interesses imperialistas ameaçados pelas campanhas nacionalistas, ou seja, manter inalterado o *status quo*” (MOTTA, 2002, p. XXIV), por outro lado, houve indivíduos, grupos e instituições “que sinceramente acreditaram na existência de um risco real. Mobilizaram-se e combateram por temor que os comunistas chegassem ao poder” (MOTTA, 2002, p. XXIV).

Os adversários do comunismo sustentavam como vantagem estratégica a hegemonia sobre grandes veículos de comunicação, os quais lhes permitiam despargir construções unilaterais sobre os “vermelhos” e suas ideias. De acordo com a linguista Bethania Mariani, o discurso “dos comunistas” (ou seja, proferido pelos comunistas) inexistia na imprensa de referência. “Não havendo lugar para o discurso do Partido, o poder discursivo dos jornais torna-se mais incisivo: se não há espaço para confrontos, réplicas ou polêmicas, os sentidos da formação discursiva política dominante se instalam e se disseminam com maior facilidade” (MARIANI, 1996, p. 64-65).

O “outro” comunista, inimigo (real ou construído) dos princípios consolidados (ou em processo de consolidação) da sociedade ocidental, opunha-se, pois, aos fundamentos de correntes político-ideológicas e/ou religiosas (cristianismo, liberalismo, conservadorismo, nacionalismo, socialismo democrático, imperialismo) que, a despeito de suas perspectivas díspares, encontravam em certas alianças (efêmeras ou duradouras) recursos para combater o “mal maior”.

Com relação às congruências entre a História e a imprensa, dialogamos com Tânia Regina de Luca, a qual confirma a importância dos periódicos para os estudos historiográficos, principalmente pelo registro cotidiano dos embates nas arenas do poder. As pesquisas de

abordagem aos conteúdos jornalísticos podem ser desenvolvidas da seguinte forma:

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas [...]. O assunto retorna à baila ou foi abandonado logo no dia seguinte? Em síntese, os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir (DE LUCA, 2008, p. 140).

Ao optarmos por tais fontes (jornais) e balizas espaço-temporais (Ribeirão Preto/1935 a 1937), cremos poder contribuir com debates em dois campos historiográficos em plena efusão produtiva: cultural e político (ou, mais especificamente, na cultura política), atrelados às construções representativas textuais, como formas de constituição do outro – no caso, dos comunistas, inseridos em um contexto perpassado pelas influências da modernidade. Portanto, cultura política, representações sociais e modernidade serão os eixos norteadores de nosso trabalho.

As noções de cultura política receberam, ao longo dos últimos anos, contribuições de profícuos estudos. Para Julian Borba, “o objetivo das análises de cultura política [...] é contribuir para a explicação do comportamento político dos indivíduos, destacando a forma como os valores culturais são componentes endógenos da tomada de decisão” (BORBA, 2005, p. 151). Segundo Marcello Baquero, a cultura política “ocupa um lugar central no cotidiano dos indivíduos, podendo servir tanto para regular a transmissão de valores políticos, quanto para legitimar o funcionamento das instituições políticas” (BAQUERO, 2001, p.

102). De acordo com o autor, a análise da cultura política de uma sociedade “pressupõe a necessidade de caracterizar os diferentes contextos histórico-culturais que irão contribuir para a sua configuração” (BAQUERO, 2001, p. 102).

Atentemo-nos, também, ao conceito de modernidade, aqui assumido como passível de múltiplas abordagens, realizadas por distintos intelectuais ao longo do tempo. Chamamos a atenção, especialmente, para a compreensão desenvolvida por Marshall Berman, segundo o qual:

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz (BERMAN, 2007, p. 21).

Valemo-nos, também, dos usos da História Cultural, a qual, segundo Roger Chartier, “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16-17). Tais construções, para o autor, obedecem e são orientadas pelos interesses de distintos grupos, sintetizadas de muitas formas por meio de “representações sociais”.

Para Sandra Pesavento, as representações são “presentificações de uma ausência, onde representante e representado guardam entre si relações de aproximação e distanciamento”. Segundo a autora, “os homens elaboram ideias sobre o real, que se traduzem em imagens, discursos e práticas sociais que não só qualificam o mundo como orientam o olhar e a percepção sobre esta realidade” (PESAVENTO, 2006, p. 49).

As intersecções entre modernidade, representações sociais e cultura política fundamentarão um arcabouço teórico-metodológico capaz de desvelar uma realidade social concreta e complexa, na qual imprensa e anticomunismo articulavam-se de modo conjugado, influenciados por uma miríade de práticas políticas, econômicas, sociais, culturais, etc. Com isso, inauguramos nosso exercício de apreensão do anticomunismo na imprensa ribeirãopretana, entre os anos de 1935 a 1937. Anos que, de modo sucinto, podem ser caracterizados pela palavra “crise”.

Sejam as crises reais ou forjadas (segundo interesses dos emissores/temores dos receptores), são elas, em parte, responsáveis por radicalizações comportamentais de parcelas significativas dos membros de uma determinada sociedade. Portanto, para “tirar proveito da destruição e do caos”, as classes dominantes devem centrar parte de seus esforços na constituição de uma cultura política que lhes seja conveniente. Mas como e por que nasce uma cultura política?

A resposta, segundo Serge Berstein, centra-se no fato de que o seu nascimento não pode ser fortuito ou acidental, mas “corresponde às respostas dadas a uma sociedade face aos grandes problemas e às grandes crises da sua história, respostas com fundamento bastante para que se inscrevam na duração e atravessem as gerações” (BERSTEIN, 1998, p. 355-356).

O autor confere atenção a dois fatores fundamentais para a assimilação do conceito proposto: “a importância do papel das representações na definição de uma cultura política, que faz dela outra coisa que não uma ideologia ou um conjunto de tradições; e, por outro lado, o carácter plural das culturas políticas num dado momento da história e num dado país” (BERSTEIN, 1998, p. 350). Quanto à última premissa, Berstein atesta:

Para os historiadores, é evidente que no interior de uma nação existe uma pluralidade de culturas políticas, mas com zonas de abrangência que correspondem à área dos valores partilhados. Se, num dado momento da história, essa área de valores partilhados se mostra bastante ampla, temos então uma cultura política dominante que faz inflectir pouco ou muito a maior parte das outras culturas políticas contemporâneas (BERSTEIN, 1998, p. 354).

Em relação à primeira premissa, atesta-se que a estabilização de uma determinada cultura política atende, também, à conjugação de uma série de vetores, como a família, a escola, os grupos de convívio (trabalhistas, políticos, etc.), além da própria mídia. Mídia que, “integrada por um grupo de especialistas formadores e sobretudo difusores de representações sociais, é responsável pela estruturação de sistemas de comunicação que visam comunicar, difundir ou propagar determinadas representações” (ALEXANDRE, 2001, p. 123). Representações as quais, na acepção do historiador Roger Chartier, embora aspirem à “universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (CHARTIER, 1990, p. 17). Ainda de acordo com Chartier:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (CHARTIER, 1990, p. 17).

Nosso desafio, portanto, encontra-se no esclarecimento da tênue intersecção entre modernidade, cultura política e representações, em

uma conjuntura paradoxal, permeada por distintas vozes políticas, assenhorando-se das representações que melhor cabiam a seus interesses (as quais, majoritariamente, perpassavam o combate ao comunismo), como respostas genuínas ou oportunistas para lidar com as múltiplas facetas da “crise”.

Nos primeiros anos da década de 1930, alguns grupos sociais intensificaram o discurso de que seria necessária uma forte ofensiva anticomunista, em defesa da ordem e da moral no país. Entre os grupos promotores das representações anticomunistas, destacou-se o movimento integralista, fundado em 1932. Alicerçado pelas ideias de Plínio Salgado, a Ação Integralista Brasileira valia-se de certos aparatos inspirados no fascismo europeu, como desfiles de milícias, utilização de camisas verdes, violências contra os grupos de esquerda, tudo para “explorar a crescente suspeita da classe média de que talvez os problemas econômicos e políticos da depressão só pudessem ser resolvidos com o recurso aos métodos extremistas da direita” (SKIDMORE, 2010, p. 41).

A Ação Integralista Brasileira combatia, também, o capitalismo financeiro de cunho liberal e ambicionava “estabelecer o controle do Estado sobre a economia. Mas sua ênfase maior se encontrava na tomada de consciência do valor espiritual da nação, assentado em princípios unificadores: ‘Deus, Pátria e Família’ era o lema do movimento” (FAUSTO, 2009, p. 353-356).

Certos jornais ribeirão-pretanos, especialmente o *Diário da Manhã*, faziam defesa aberta dos ideais integralistas, como podemos notar no artigo “Por que regime forte?”, assinado por D. Y. B. Spinelli e publicado em 7 de abril de 1935:

No Brasil adoptar o regime forte è vestir uma camisa verde. Vestir uma camisa verde é ser objecto de riso dos incertos, dos indifferentes, dos covardes, dos burguezes gozadores. É ser alvo das balas do communismo internacional, destruidor das patrias,

ceifador das famílias, profanador das religiões. Vestir uma camisa verde não é apenas tomar parte em passeatas pelas ruas mas sim enfrentar nas barricadas os inimigos de Deus, da Pátria e da família.

[...] Liberal democracia é permitir que o comunista, mais cedo ou mais tarde arraste, o cadaver da Pátria, atirando-o no caos. Liberal democracia é commodismo, é indiferentismo, é fingir não compreender os anseios de um povo. Comunismo é ódio, é avassallar, é aniquilar todos os anseios de nacionalidade. INTEGRALISMO é collar os ouvidos ao seio da terra brasileira para ouvir o seu gemido, é desmascarar os hypocritas, é accusar os ladrões, é expulsar os vendilhões é movimentar, dinamizar o GIGANTE! (SPINELLI, 1935).

O artigo trazia, além dos louvores à doutrina integralista, críticas direcionadas ao comunismo, expressas, principalmente, na contraposição entre os termos que compunham o lema do movimento (Deus, Pátria e Família) e o comunismo (profanador das religiões, destruidor das pátrias e ceifador das famílias). Atestamos, também, a existência de críticas direcionadas à liberal democracia. Contudo, para Motta, “se resumir a proposta da AIB ao anticomunismo representaria um equívoco, não há exagero em afirmar que ele foi uma de suas principais marcas, a mais importante em determinadas conjunturas” (MOTTA, 2002, p. 12).

Argumentos similares foram utilizados no artigo “Desperta, brasileiro!”, assinado por Julio Murdocco (creditado como “Secretário Municip. da O.P. da A.I.B”), presente na edição de 21 de maio de 1935 do *Diário da Manhã*. O cronista alerta o “brasileiro de todos os recantos da Pátria”: “Lembra-te de que o flagello vermelho quer invadir o teu lar, dissolver a tua família, extinguir os teus credos religiosos, roubar as tuas terras” (MURDOCCO, 1935a). Em 1º de junho de 1935, o mesmo Julio Murdocco publicou, pelo *Diário da Manhã*, o artigo “A divisão das águas”:

A humanidade sempre se acha empenhada numa luta titanica para conseguir um caminho certo e seguro que a possa conduzir a um bem relativo. Agora essa lucta cada vez mais se desenha nos horizontes, mais encarniçada, se nos deparam

distinctamente duas estradas a seguir: uma representa o desmembramento da família, a escravização do estado sob jugo da Rússia Vermelha. A outra, estrada justamente que vai ser trilhada por nós, pela grandeza do ideal que abraçamos, vai à nacionalização dos povos, ao alevantamento moral das famílias, à organização das classes trabalhadoras, à socialização da liberdade criminosa.

As duas ideologias nasceram da mesma côm universal, o cancro social que invadiu a civilização da Terceira Humanidade, producto incontestavel do personalismo e do materialismo.

[...] E o phenomeno social impulsiona o povo à luta e se processa então a <Divisão das Aguas>: de um lado as aguas vermelhas e barrentas da desgraça nacional, de outro, as aguas verde-esperança do Integralismo, que rolam fortemente transpondo todos os diques que se lhes anteponham (MURDOCCO, 1935b).

Representações que associam o comunismo à cor vermelha obedecem a estratégias perenemente utilizadas, visto que, “numa convenção literária ocidental cristã, esta cor simbolizava a violência e o sangue, relacionando-a à brutalidade comunista. De uso corrente, passou a ser sinônimo de comunista, marxista, ou socialista” (RAAD, 2005, p. 33). Os termos manifestavam-se nas representações da “Rússia Vermelha” e nas “aguas vermelhas e barrentas da desgraça” que, eram, por sua vez, rebatidos pelo integralismo, simbolizado pela cor verde. Segundo Elynaldo Dantas, em atenção aos escritos do integralista Gustavo Barroso, “a cor do uniforme integralista era o verde, representando a esperança, esperança de ver seus anseios realizados” (DANTAS, 2014, p. 121), metaforizados pelas águas que rompiam as barreiras impostas.

Ao utilizarem certos jornais ribeirão-pretanos como plataformas propagandísticas e doutrinárias, os integralistas buscavam revestir a “parcialidade” de suas ideias com a pretensa “imparcialidade” do meio impresso. Contudo, ao declarar seu compromisso com a “verdade”, “a imprensa finge não contribuir na construção das evidências (ou mesmo, do sentido literal), atuando, assim, no mecanismo ideológico de produção das aparências de obviedade. Daí seu caráter ideológico, e

não um pretense compromisso com a verdade” (MARIANI, 1996, p. 88-89).

O ano de 1935, já bastante tenso, alcançaria seu término envolto em novos tons de radicalização, ocasionados pela eclosão da “Intentona Comunista”, a qual, segundo Motta, foi a maior responsável pela dispersão e solidificação do anticomunismo no país, visto que o “impacto foi enorme sobre a opinião conservadora, afinal, não era uma rebelião comum: tratou-se de uma tentativa armada dos comunistas de tomarem o poder, a qual, uma vez bem sucedida, poderia ter provocado grandes transformações na organização social brasileira” (MOTTA, 2002, p. 21-22).

Irrompido o levante, instalou-se, então, “o terror aberto, sistemático, pródigo em torpezas. A imprensa empresarial criou as condições para o desencadeamento e a manutenção desse clima de pânico e de medo” (SODRÉ, 1999, p. 379-380). A imprensa, além de “convencer” o público sobre a seriedade dos acontecimentos, apoiou os esforços repressivos do governo, “pressionou-o a não esmorecer na luta anticomunista. A influência do discurso jornalístico foi fundamental para que o Parlamento aprovasse as reformas institucionais solicitadas pelo poder Executivo” (MOTTA, 2002, p. 198).

As medidas repressivas governamentais eram, portanto, extremamente festejadas pelos jornais, como exemplificamos pelo artigo “Reacção justa e legitima”, assinado por Jorge Velho e publicado pelo *Diário de Notícias* em 25 de janeiro de 1936:

Si for possível grassar entre alguns illudidos e entre alguns assalariados pela III Internacional uns laivos de bolchevismo, isso se operou porque a tolerancia das nossas leis ia a ponto, no seu infinito liberalismo, de suportar até mesmo a pregação revolucionaria nas barbas da autoridade.

Hoje, porém, por delegação legitima e unanime do povo brasileiro, está o governo munido de taes poderes repressivos, que o <estado de guerra> foi declarado ao extremismo. As penas contra os inimigos da familia, de Deus e da Patria, têm a gradação que corresponde á gravidade do atentado que se

consumar. E a justiça será implacável contra os que vierem a machinar contra o nosso trabalho, contra a nossa paz e contra a nossa fortuna.

Essa reacção do Estado Brasileiro contra os inimigos do Estado, é mais que justa. Nada justifica o extremismo no Brasil. Elle é resultante do odio secretado pelos detritos humanos que os outros paizes expulsaram do seu seio e que vieram se abrigar á sombra da nossa generosidade, trahindo, com sua acção nefasta e dissolvente, a larga hospitalidade que costumamos offerecer a todos os que nos procuram [...]. A acção repressiva da policia é, portanto, nobre principio de hygiene social.

Nada justifica o extremismo entre nós [...]. Em primeiro logar, falar em <operariado> neste paiz, é fallar em toda a sua população, pois todos somos operarios. Qualquer patrão de hoje ainda traz nas mãos os callos do operario que foi hontem. Qualquer operario de hoje já é de per si o germen do patrão de amanhã. Nossos maiores fazendeiros, a começar pelo seu rei, abriram o caminho do seu sucesso e da sua riqueza com a enxada que ainda hontem manejavam nos cafezaes. Os chefes das nossas industrias vieram todos de officinas.

[...] A beleza do Brasil é ser um povo de obreiros, sem nenhuma distincção de classe, irmanados todos na unica e generosa classe que foram a absoluta maioria das nossas populações: a classe dos trabalhadores.

[...] Não temos latifundios. As poucas grandes fazendas que não estão subdivididas processam um systema de trabalho agrícola que é uma instinctiva realização do socialismo. Nellas os colonos geralmente são meeiros. Possuem terras para cultivar por sua conta. Num anno, com algodão ou cereaes, ganham sufficiente para adquirir uma pequena propriedade.

Como se vê, não ha nenhuma razão para se inventar bolschevismos, extremismos e outros idiotismos neste bom e generoso paiz. E si querem invental-o para perturbar a vida dos outros e fazer desordens, fique tranquillo o resto da população: a policia está ahi. E ao lado da policia a reacção indignada e unanime do povo brasileiro (VELHO, 1936).

Novamente, a defesa dos valores “Deus, Pátria e Família” se fazia presente em oposição ao comunismo, representado por termos que se correlacionavam ao binômio doença (“ódio secretado pelos detritos humanos que os outros paizes expulsaram do seu seio”) e cura (“A acção repressiva da policia é, portanto, nobre principio de hygiene social”). Porém, desta vez, “não se tratava de comparar o comunismo a doenças ou agentes infecciosos, mas de afirmar que os comunistas eram indivíduos doentes, cujas enfermidades os levaram a assumir posições ideológicas revolucionárias” (MOTTA, 2002, p. 54).

A genuína “hospitalidade brasileira” estaria sendo traída pela “acção nefasta e dissolvente” do comunismo. O Brasil era representado, pelo artigo, em tons idílicos. Uma terra na qual inexisteriam divisões de classe, de riqueza ou propriedade, conduzida por uma concepção teleológica de bem-estar e igualdade (“Como se vê, não ha nenhuma razão para se inventar bolschevismos, extremismos e outros idiotismos neste bom e generoso paiz”). Todavia, as desigualdades sociais faziam parte do cotidiano brasileiro. Mesmo após 1930, com a urbanização e crescimento do mercado interno, “as diferenças de renda não pararam de crescer, ampliando-se, marcadamente nas grandes cidades. O acesso a bens sociais e direitos básicos também se mostrava bastante desigual ao longo do território” (FONSECA; FAGNANI, 2013, p. 29).

A propaganda anticomunista “pós-Intentona” teve como um dos principais beneficiários Getúlio Vargas. O artigo “Na hora H”, de Onésio da Motta Cortez, veiculado pelo *Diário de Notícias* em 1º de dezembro de 1935, revestia de louvores o chefe da nação, que “teve a coragem de, na hora H, enfrentar, com rara energia, um movimento revolucionario que, por pouco, não se torna vitorioso” (CORTEZ, 1935). Anteriormente acusado de ser um homem sem capacidade para atitudes enérgicas, “Ele não teve medo, porque percebeu que tinha pela frente um adversario perigoso e não uma simples legião de homens do trabalho, que reclamasse um pouco mais de pão” (CORTEZ, 1935).

Getúlio Vargas, ao utilizar os veículos midiáticos, soube explorar magistralmente o pânico gerado pelo movimento insurrecional. O levante de 1935, nesse sentido, beneficiou o presidente gaúcho. “Ele contribuiu para reverter a situação de instabilidade e fragilidade política vivenciada pelo governo. Vargas saiu da crise extremamente fortalecido, enaltecido como o chefe do governo que conseguiu derrotar a ‘revolução’ comunista” (MOTTA, 2002, p. 196).

As palavras do presidente adquiriam relevância, como podemos notar no artigo “O discurso do chefe da Nação”, publicado pelo jornal *A Tarde* em 11 de janeiro de 1936, no qual Vargas, “sem o aparato phantasia das palavras difíceis, falou com a serenidade necessária ao povo brasileiro, abordando com precisão e patriotismo, o mais grave problema do momento, o mais grave de todos que tem enfrentado o Paiz – a repressão ao comunismo” (O DISCURSO, 1936). As conveniências políticas dos grupos anticomunistas influenciavam, pois, as construções representativas sobre Vargas, ora visto com ressalvas e críticas, ora como bastião no combate aos “extremistas”.

Com a proximidade das eleições presidenciais de 1938, ascenderam ao vindouro pleito dois candidatos. Armando de Sales Oliveira, governador de São Paulo, era considerado um autêntico porta-voz “do constitucionalismo liberal [...], proclamando a sua fé na capacidade do Brasil em se governar pelo processo democrático, ao mesmo tempo que advertindo contra a agitação ‘bolchevista’ e a infiltração nas fileiras da apreensiva classe média” (SKIDMORE, 2010, p. 44-45). O outro candidato era José Américo de Almeida, um antigo tenente paraibano, considerado como candidato do governo, faltando-lhe apenas o apoio formal de Getúlio Vargas. O presidente, contudo, privava-se de apoiar um ou outro candidato.

Com o prosseguimento das campanhas eleitorais, “o apoio a uma espécie qualquer de solução ‘continuista’ estava disseminado entre as elites políticas e militares. Vargas precisava de bem pouco estímulo para se acreditar indispensável” (SKIDMORE, 2010, p. 46). O pretexto para inflamar o clima golpista brotou em 1937:

Ele surgiu com o Plano Cohen, cuja verdadeira história tem até hoje muitos aspectos obscuros. Um oficial integralista – o capitão Olímpio Mourão Filho – foi surpreendido, ou deixou-se surpreender, em setembro de 1937, datilografando no Ministério da Guerra um plano de insurreição comunista. O autor do documento seria um certo Cohen – nome marcadamente

judaico – que poderia ser também uma corruptela de Bela Khun, líder comunista húngaro. Aparentemente, o “plano” era uma fantasia a ser publicada em um boletim da Ação Integralista Brasileira, mostrando como seria uma insurreição comunista e como reagiriam os integralistas diante dela. A insurreição provocaria massacres, saques e depredações, desrespeito aos lares, incêndios de igrejas, etc (FAUSTO, 2009, p. 363).

O documento passou das mãos dos integralistas para o Exército brasileiro. A decretação do Estado de Guerra marcou uma nova fase de intensificação da repressão, propaganda e censura, além de fornecer elementos para a deflagração de um Golpe de Estado. Armado com “os dispositivos discricionários contidos na legislação de exceção, o governo começou a pavimentar o caminho rumo à ditadura. O controle sobre as publicações foi estabelecido, a imprensa manietada e os focos de oposição eliminados” (MOTTA, 2002, p. 226). Em 10 de novembro de 1937, houve o fechamento do Congresso e a promulgação de uma nova Constituição, conferindo ordenamento jurídico ao chamado “Estado Novo”. Para Skidmore, “as novas diretrizes constitucionais eram uma imitação dos modelos corporativistas e fascistas europeus, especialmente de Portugal e da Itália” (SKIDMORE, 2010, p. 50).

As ebulições no panorama nacional não tardaram a apresentar repercussões para a realidade ribeirão-pretana. No campo jornalístico, o maior exemplo deu-se quando a imprensa cidadina se reuniu num movimento chamado “CONTRA O COMMUNISMO”. A emissora de rádio local PRA-7 e o *Diário de Notícias* “encabeçaram a propaganda anticomunista patrocinada pelo Centro de Imprensa de Ribeirão Preto. Durante a campanha eram frisados os malefícios do comunismo e o perigo representado pelos ‘extremistas vermelhos’” (ROSA, 1999, p. 87).

O *Diário de Notícias*, em 5 de novembro de 1937, divulgou a nota “O Centro de Imprensa e o combate ao comunismo”, convocando os membros participantes para deliberações. No dia seguinte, o mesmo jornal veiculou o artigo “O Centro de Imprensa e o combate ao comunismo – Na reunião, hontem realizada, foram traçados os planos

relativos á defesa do actual regimen – Collaboração das autoridades locais e da PRA7 – Offícios enviados ás altas autoridades da Republica" (O CENTRO, 1937), no qual foram estabelecidas as diretrizes primárias para o movimento:

Conforme convocação feita pela sua secretaria, reuniu-se hontem o Centro de Imprensa de Ribeirão Preto, afim de traçar planos relativos ao combate ao communismo. A sessão foi presidida pelo sr. Antonio Machado Sant'Anna que, além de expor os fins da reunião, ainda informou á casa que as autoridades locais, judiciaes, policiaes e clericas, prestavam inteiro apoio á campanha que seria iniciada pelo Centro. O sr. presidente informou, ainda, que a PRA7 tambem prestaria franco apoio á campanha, pondo o seu microphone á disposição do Centro de Imprensa.

O sr. dr. Antonio Barrachini Junior, usando da palavra, propoz que se estabelecesse as directrices da campanha, para que ella se dirigisse claramente contra o communismo, não se usando, pois, do termo vago e impreciso de extremismos, afim de evitar confusões. Pelo sr. presidente foi lembrada a conveniencia de se officiar aos srs. presidente da Republica, ministro da Guerra, presidente da Comissão Executiva do Estado de Guerra e ao general Pargas Rodrigues, commandante da segunda região militar e executor, em São Paulo, do estado de guerra.

Ficou, ainda, deliberado que a campanha seja iniciada no dia 8 do corrente, segunda-feira, devendo occupar o microphone da PRA7 os srs. drs. Guilherme de Oliveira, José David Filho, D. Alberto José Gonçalves, Raphael Pirajá, A. Lacerda Pinheiro, Rolim Rosa, Fábio de Sá Barreto.

Ao ser iniciada a campanha, fallará o sr. Antonio Machado Sant'Anna, que exporá as suas finalidades, passando, em seguida, a palavra a uma das autoridades presentes. Todas as irradiações anti-communistas deverão ser iniciadas e encerradas com a execução do Hymno Nacional.

Nos dias seguintes, occuparão o microphone da PRA7 as seguintes pessoas: Dia 9 – Antonio Machado Sant'Anna, 10 – Onesio Motta Cortez, 11 – prof. Malito de Lucca, 12 – Cap. J. Osorio Junqueira, 13 – Mario Rezende, 14 – Luiz Carlos da Silveira, 15 – dr. Humberto Salomone, 16 – prof. Antonio Grellet, 17 – Manoel Pereira do Valle, 18 – dr. João Palma Guião, 19 – dr. Antonio Alves Passig, 20 – Vicente Eyclides Larino, 21 – Oswaldo da Silva Lisboa, 22 – A. Barrachini Junior, 23 – prof. Daniel Kujawski, 24 – Antonio Hakme, 25 – João Gomes Rocha, 26 – prof. Sebastião Palma, 27 – representantes do Gymnasio do Estado, 28 – representantes da Associação de Ensino, 29 – Faculdade de Sciencias Economicas, 30 – Gymnasio Progresso, 1 de dezembro – Escola Profissional, 2 – Collegio Santa Ursula, 3 – Sociedade Legião Brasileira, 4 – Directoria Regional do Ensino, 5 – Gilberto Nobrega, 6 – Centro Medico de Ribeirão Preto, 7 – Associação Médica da Santa Casa, 8 – Ordem dos Advogados, 9 – prof. Fabio Bonfim, 10 – L. Dutra Pizão, 11 – Costabile Romano. Todos

os discursos deverão ser escriptos, em cinco vias, para distribuição aos jornaes locais, que os publicarão, segundo as suas possibilidades. As pessoas acima designadas são, por nosso intermédio e a pedido da secretaria do Centro, convidadas a prestar a sua colaboração, de acordo com o programma traçado na reunião hontem realizada. [...] O Centro de Imprensa, desse modo, toma a iniciativa de iniciar, entre nós, a campanha de combate ao communismo, prestando, assim, inteiro apoio ás autoridades constituídas. A sua actividade, em se tratando de lidadores do jornalismo, mais acostumados á penna do que a qualquer outro meio de combate, será restricta ao terreno doutrina, aliás, o mais importante. A campanha, como acima dissemos, será iniciada na próxima segunda-feira, ás vinte horas, durante a execução do programma <Vá ouvindo>, da PRA7 (O CENTRO, 1937).

Entre os participantes do movimento, havia alguns nomes de destaque, a partir dos quais podemos caracterizar uma espécie de rede de sociabilidades: José David Filho (juiz de direito da segunda vara da comarca de Ribeirão Preto), A. Pinheiro de Lacerda (promotor público), Rolim Rosa (delegado de polícia), D. Alberto José Gonçalves (primeiro bispo da diocese de Ribeirão Preto, entre 1909 e 1945), Raphael Pirajá, (componente da diretoria da OAB na cidade), Fábio de Sá Barreto (professor de aritmética e político que ocupou cargos variados como vereador, prefeito, deputado estadual, etc.), Antônio Machado Sant'Anna (jornalista, foi um dos fundadores do *Diário d'Oeste* com Luiz Gomes em 1929, assumiu a direção do *Diários Associados* em 1930 e, entre 1937 e 1938, foi delegado da API), Onesio Motta Cortez (funcionário público dos Correios e jornalista, escreveu em praticamente todos os jornais ribeirão-pretanos, adotando pseudônimos como Gastão Carneiro e Zeca Camilo; com José da Silva Lisboa, auxiliou na fundação do jornal *Diário de Notícias*, em 1928, assumindo a função de redator chefe), Cap. J. Osório Junqueira (membro da tradicional família de Ribeirão Preto, político e fundador de vários jornais no interior, como *A Tarde*), Humberto Salomone (advogado, professor e jornalista), dr. João Palma Guião (ex-prefeito de Ribeirão Preto, foi um dos diretores do jornal *A Cidade* no início da década de 1930, além de primeiro presidente da 12ª Subseção

de Ribeirão Preto da OAB/SP, fundada em 1932), dr. Antonio Alves Passig (médico, jornalista e professor universitário), Oswaldo da Silva Lisboa (jornalista e diretor do *Diário de Notícias*, até 1943), A. Barrachini Junior (membro do núcleo integralista local), prof. Daniel Kujawski (proprietário de uma livraria, foi correspondente do jornal *Folha da Manhã* e professor de alemão no Ginásio do Estado) e Costábile Romano (à época, jornalista vinculado ao *Diário da Manhã*). O que todos esses nomes tinham em comum?

De acordo com Sônia Jorge, a composição de intelectuais, políticos, jornalistas, religiosos, juízes, professores, advogados e delegados carregava consigo a ideia de que tais indivíduos não poderiam ser criticados, visto serem respeitados como representantes legitimados pelas “instituições detentoras tanto do saber, quanto do poder. Instituições como o executivo, o judiciário, a escola, a Igreja, eram representadas através dos discursos de seus porta-vozes que se apresentavam como expressão de ‘toda a verdade’” (JORGE, 2012, p. 78).

Ainda segundo a autora, a elaboração de um “imaginário” em torno do comunismo, cuja “definição é forjada pelos seus opositores mais radicais, é um produto do anseio das classes dominantes de torná-lo aos ‘olhos’ da sociedade um ideário de desgraça, da emergência do caos social e do terror político”. Portanto, compreender as intenções, as formas e os usos em torno dessas construções imaginárias leva-nos a reconhecer “certas restrições ou preconceitos com relação a posturas e a mentalidade política e social” (JORGE, 2012, p. 78).

A campanha anticomunista, veiculada entre 8 de novembro e 5 de dezembro de 1937, pautou-se por reforçar a maioria das matrizes primárias e representações de alerta contra o “perigo vermelho”. Quanto às matrizes primárias, destacamos:

Matriz cristã anticomunista: “culmina, nos seus propositos irrealisaveis, com a negação de Deus e da propria justiça, ameaçando, sem destemor, até com a morte, os pregoeiros na terra da lei divina e dos homens” (CONTRA O COMMUNISMO, 1937a); “<Tentativa absurda, de loucos>, affirmou o orador, <porque não ha força capaz de arrancar, do coração dos homens, a imagem de Deus, ahi plantado pela grandeza da fé christã>” (CONTRA O COMMUNISMO, 1937b); “o triumpho do credo vermelho, que encontra o seu principal apoio na falta de religião, na falta de crença e de fé” (CONTRA O COMMUNISMO, 1937c); “o materialismo comunista, é incompativel com a dignidade humana, que verdadeiramente só pode existir dentro do espiritualismo christão” (CONTRA O COMMUNISMO, 1937d).

Matriz liberal anticomunista: “Essa ideologia extremista é a mística d’esses visionarios que aspiram a felicidade do homem, com a suppressão da propriedade privada, para distribuil-a, entre os homens, igualmente” (CONTRA O COMMUNISMO, 1937a); “Enquanto, no regimen bolchevista, o povo se sacrifica para conservar-se em um mesmo nível, entre nós o trabalhador encontra, através de seu esforço, uma situação melhor, que, é, afinal de contas, uma recompensa á sua capacidade, á sua intelligencia” (CONTRA O COMMUNISMO, 1937e).

Matriz nacionalista anticomunista: “Actuando nos incapazes e fracassados, a Russia espalhava ouro, para que eles trahissem e vendessem seus irmãos, na sua propria terra; mas, com a graça de Deus, o povo brasileiro bate-se por um Brasil grandioso e maior, dentro das nossas tradições” (CONTRA O COMMUNISMO, 1937d); “Já avisados pela rude experiência de outros povos, saberemos, mesmo com o sacrificio de nossas vidas, defender as nossas gloriosas tradições de fé, de liberdade” (CONTRA O COMMUNISMO, 1937d); “contra essa opposição descabida e injustificável, prevaleceram a influencia de uma nova mentalidade

que, no Brasil, se implantou com o governo do sr. Getulio Vargas" (CONTRA O COMMUNISMO, 1937f).

Obviamente, as representações anticomunistas fundadas nas principais matrizes possuíam, entre si, pontos de intersecção e sincretismo, caracterizando-se enquanto construções dinâmicas e complexas. Contudo, é possível que estabeleçamos alguns princípios gerais da campanha ribeirão-pretana.

O cristianismo, por exemplo, recebeu contemplos em sentido abrangente, que extrapolavam o âmbito do catolicismo, visto ter havido a participação do bispo D. Alberto, mas também de José Gonçalves Pacheco, pastor protestante e representante da Associação de Ensino. O nacionalismo, por sua vez, esteve atrelado à constituição de uma "brasilidade" patriótica e tradicional, mas também ao reforço e apoio à figura de Getúlio Vargas e suas medidas repressivas. Por fim, o liberalismo apoiava-se na defesa da propriedade e na meritocracia. A meritocracia, para Lorenzo Fischer, significa "o poder da inteligência que, nas sociedades industriais, estaria substituindo o poder baseado no nascimento ou na riqueza, em virtude da função exercida pela escola" (FISCHER, 1998, p. 747). Este princípio, que seria incontestável no plano formal, é, "na realidade social, de difícil aplicação, tanto que a igualdade de oportunidades é para alguns sociólogos (Bourdieu e Passeron) uma mera ideologia, apta a justificar a permanência das desigualdades, tornando-as aceitáveis a todos" (FISCHER, 1998, p. 747).

A campanha "Contra o comunismo" privilegiou, também, temas e representações recorrentes, tais como:

O terror e a violência: "Doutrina, por isso, perigosa e malfazeja, que não constrói, mas só procura alçar o camartelo da destruição e infundir o terror, como imperativo categorico para consolidar os principios subversivos do seu systema" (CONTRA O COMMUNISMO, 1937a); "para reforçar as suas energias, se lava no sangue de todos aquellos que ousam

levantar a sua voz, ou mesmo o seu pensamento, contra a tyrania vermelha" (CONTRA O COMMUNISMO, 1937c).

A Intentona Comunista: "o communismo [...] se derrama por todo o mundo, levando, consigo, os processos violentos de propaganda, de implantação, processos esses que conhecemos através da quartelada barbara de Novembro de 1935" (CONTRA O COMMUNISMO, 1937g).

O inferno soviético: "Na Russia [...] o communismo encontrou a sua razão de ser, no desespero do próprio povo, chicoteado, a cada momento, pelos cossacos, os soldados de confiança dos dirigentes moscovitas. E, da miseria nasceu a planta bravia do communismo" (CONTRA O COMMUNISMO, 1937g); "A Russia [...] só se pode manter amparado pelas bayonetas. O trabalhador, allí, além de não encontrar uma situação melhor, ainda se viu privado da liberdade, até de se locomover" (CONTRA O COMMUNISMO, 1937b); "o communismo reduziu a Russia, outrora um imperio poderoso e hoje reduzida a uma nação submetida a um governo terrorista, que só se mantem á custa de fuzilamentos" (CONTRA O COMMUNISMO, 1937h); "repugnante doutrina exportada pelos soviéticos" (CONTRA O COMMUNISMO, 1937d).

A infiltração: "A degradante e destruidora ideologia russa tentou implantar [...] nos cérebros atrophiados daquelles que, menos favorecidos pela sorte e incapazes de realizar pelo seu próprio trabalho, esforço e perseverança, não conseguiram melhores dias para o seu futuro" (CONTRA O COMMUNISMO, 1937d); "cerremos fileiras contra essas exóticas doutrinas, que procuram infiltrar-se nas massas proletarias, ou então nos fracassados" (CONTRA O COMMUNISMO, 1937d).

A patologia: "Assim sendo, meus senhores, combatamos o communismo, não sejamos criminosos em deixar que vingue esse germen maligno que traz, consigo, o odio, o luto, o sangue, a destruição" (CONTRA O COMMUNISMO, 1937d).

A campanha anticomunista foi veiculada em um ambiente de instabilidades e de ascendente autoritarismo, “na medida em que alguns radicais consideravam, de fato, a subversão um perigo imediato. Para tais grupos, a ditadura era necessária exatamente para combater o comunismo, em particular, e a ‘desordem’, de uma maneira geral” (MOTTA, 2002, p. 228). Nesse sentido, as construções apriorístico-negativas acerca do “perigo vermelho” foram especialmente catalisadas pela insuflação de certos “nacionalismos raivosos”, atravessados por uma heterogeneidade de sujeitos e instituições que almejavam apresentar-se como legítimos “defensores da nação”, fossem eles governistas, conservadores, cristãos, integralistas, liberais, etc.

No caso de Ribeirão Preto, e dirigindo-nos para as conclusões da presente pesquisa, é possível perceber que as representações anticomunistas veiculadas pelos jornais locais conformaram, ao menos, três esforços durante o período analisado (1935-1937): a) legitimação da retórica integralista (permeada por jogos de oposições, tais como verde versus vermelho, “Deus, pátria e família” versus profanação das religiões, internacionalismo e conspiração das tradições, por exemplo); b) reações à Intentona Comunista (nas quais um Brasil idílico, igualitário, pacífico e acolhedor reagia – justa e energicamente – contra seres “odiosos”, “nefastos” e “idiotas”, combatidos pela figura “providencial” e “corajosa” do até então esfíngico Getúlio Vargas) e c) golpe do Estado Novo e convergência concreta de esforços por meio da campanha “Ribeirão Preto contra o comunismo”, levada a cabo pelo jornal *Diário de Notícias* e pela rádio PRA-7, reunindo algumas das principais lideranças cidadinas em torno da causa anticomunista. Aqui, podemos observar a existência de basilares matrizes de combate ao “perigo vermelho”, ou seja, a defesa dos valores nacionalistas, liberais e cristãos. As principais representações anticomunistas também se fizeram presentes, exemplificadas nas temáticas dos comunismos “diabólico”,

“patológico”, “traíçoeiro”, “ameaça estrangeira”, “barbárie”, “miséria” e “inferno soviético”.

Nos três esforços analisados, foi possível perceber que a equação que unia o comunismo aos mais diversos termos pejorativos encontrou decisivo escopo na atuação cotidiana dos jornais citadinos. Para Mariani:

[...] o fato é que o uso da palavra “comunismo” nos jornais, ao longo dos anos, para além de designar uma ideologia partidária, passou a determinar um sentido que, como já mencionamos, é sempre negativo. Hegemonicamente, a produção de sentidos para “comunista” gira em torno de “inimigo”, o outro indesejável. Se o lugar de inimigo já está previamente assinalado no imaginário social, significar o comunismo e os comunistas deste modo possibilita torna-los visíveis, singularizá-los e, assim, deixá-los isolados e sob controle, como todo inimigo deve ficar. A denominação “comunista”, então, passa a corresponder a sujeitos cuja identidade e modo de agir já se encontrariam previamente significados em termos sócio-históricos (MARIANI, 1996, p. 121-122).

Concluimos, pois, que o “fantasma do comunismo” assumiu, no curto período de 1935 a 1937, feições concretas e aterrorizantes. Deixando as searas externas e subterrâneas, emergia, especialmente por meio da imprensa, para o cotidiano dos cidadãos ribeirão-pretanos. Para as classes dominantes e mantenedores do *status quo*, um “perigo” cada vez mais próximo, amálgama dos temores e anseios modernos – cujas representações negativas foram difundidas e consolidadas com o apoio incontestado dos jornais.

Tal realidade, que poderia apresentar-se meramente como “curiosidade histórica” já superada, continua a impactar-nos decisivamente, postas as corriqueiras manifestações anticomunistas que grassaram (e ainda grassam) o país ao longo dos últimos anos. Não mais restritos à imprensa, mas também atuantes nas redes sociais e em diversas manifestações públicas, os veiculadores de representações anticomunistas continuam a pintar as diferenças, os pensamentos críticos

e as súplicas por justiça e igualdade social com funestos e temerários tons vermelhos.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 6, nº 17, 2001.

BAQUERO, Marcello. Cultura política participativa e desconsolidação democrática: reflexões sobre o Brasil contemporâneo. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, vol. XV, nº 4, 2001.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BERNSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

BORBA, Julian. Cultura política, ideologia e comportamento eleitoral: alguns apontamentos teóricos sobre o caso brasileiro. **Opinião Pública**, Campinas, vol. XI, nº 1, 2005.

CARONE, Edgard. **Revoluções do Brasil contemporâneo (1922-1938)**. São Paulo: Ática, 1989.

CARVALHO, Yuri Araujo. **“Oásis no deserto de homens em um mundo de desiludidos”**: anticomunismo e municipalismo nas trajetórias do “jornalista” Antônio Machado Sant’Anna (1940-1966). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon/PR, 2019.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CONTRA O COMMUNISMO. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 9 nov. 1937a.

_____. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 17 nov. 1937b.

_____. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 19 nov. 1937c.

_____. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 20 nov. 1937d.

_____. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 24 nov. 1937e.

_____. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 12 nov. 1937f.

_____. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 11 nov. 1937g.

_____. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 18 nov. 1937h.

CORTEZ, Onésio da Motta. Na hora H. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 1º dez. 1935.

COSTA, Homero de Oliveira. **A insurreição comunista de 1935**. Natal/RN: EDUFRN, 2015.

DANTAS, Elynaldo Gonçalves. **Gustavo Barroso, o führer brasileiro: nação e identidade no discurso integralista barrosiano de 1933-1937**. (Dissertação) Mestrado em História - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

DE LUCA, Tânia Regina. Fontes impressas: História do, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

DEL ROYO, Marcos. **A classe operária na revolução burguesa: a política de alianças do PCB (1928-1935)**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FISCHER, Lorenzo. Meritocracia. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola, et al. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 11ª ed., 1998, p. 747.

FONSECA, Ana; FAGNANI, Eduardo. **Políticas sociais, desenvolvimento e cidadania: economia, distribuição da renda e mercado de trabalho**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Velhos militantes**. São Paulo: Zahar, 1988.

JORGE, Sônia. **Mediações sonoras: o papel sociocultural e político do rádio em Ribeirão Preto (1937-1962)**. (Tese) Doutorado em História - UNESP, Franca, 2012.

MARIANI, Bethânia. **O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)**. (Tese) Doutorado em Linguística – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MORAES, João Quartim de. **A esquerda militar no Brasil (da coluna à comuna)**. São Paulo: Siciliano, 1994.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “Perigo Vermelho”**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva, 2002.

MURDOCCO, Júlio. Desperta, brasileiro! **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 21 mai. 1935a.

_____. A divisão das águas. **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 1º jun. 1935b.

NEVES, Eivaldo Fagundes. História e Região: tópicos de história regional e local. **Ponta de Lança: história, memória & cultura**. Grupo de Pesquisa História Popular do Nordeste. Vol. 1, n.2, São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, Grupo de Pesquisa História Popular do Nordeste, 2007, p. 31.

O CENTRO DE IMPRENSA E O COMBATE AO COMUNISMO. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 6 nov. 1937.

O DISCURSO DO CHEFE DA NAÇÃO. **A Tarde**, Ribeirão Preto, 11 jan. 1936.
PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e Representações, uma trajetória. **Anos 90**, Porto Alegre, v. XIII, nº 23/24, 2006.

RAAD, Lenita Jacira Farias. “... denunciando os males do comunismo”: o anticomunismo na revista Seleções Reader’s Digest (1950-1960). (Dissertação) Mestrado em História - UFSC, Florianópolis, 2005.

RODEGHERO, Carla Simone. **Capítulos da Guerra Fria: o anticomunismo brasileiro sob o olhar norte-americano (1945-1964)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

ROSA, Lílian Rodrigues de Oliveira. **Comunistas em Ribeirão Preto: 1922-1947**. Franca, SP: UNESP, 1999.

SILVA, Carla Luciana. **Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castello (1930-64)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SPINELLI, D. Y. B. Por que regime forte? **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 7 abr. 1935.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A Intentona Comunista de 1935**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. **História da imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VELHO, Jorge. Reacção justa e legítima. **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 25 jan. 1936.